



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA  
RITA

# ZÉ MARIA, CAÇADOR



I — Zé Maria, caçador, vai à caça certo dia.



II — Já no mato, Zé Maria nem consegue ver um rato.



III — Que fazer?!... Pois recela zombaria da mulher.



IV — Eis se acerca do mercado. Três coelhos logo merca.



V — E o sujeito, sorridente, volta a casa, satisfeito.



VI — Diz, então, à «patrão» que os caçou; que intrujão!



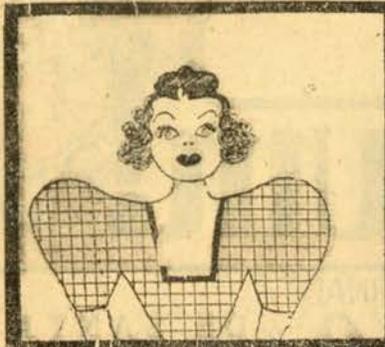
VII — Ao almoço já os comem. Nisto batem... Que alvorço!



VIII — Quem seria? Era a conta do mercado. Que arrelia!

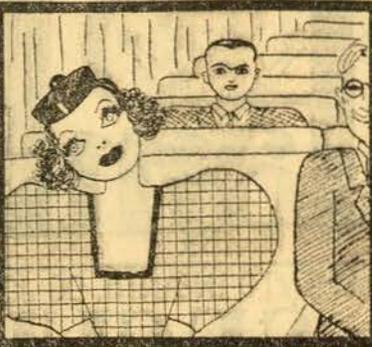
IX — Apressado, Zé Maria, não pagara no mercado.

## FAROLINHAS QUERE SER VEDETA



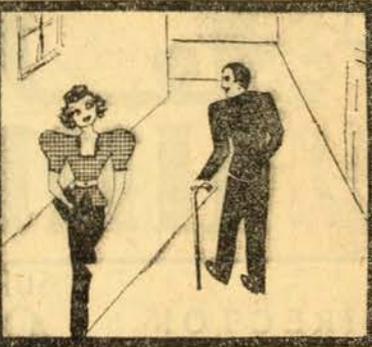
Farolinhinhas Faroleta,  
Menina muito bonita,  
Ambiciona ser vedeta  
E quere entrar numa fita.

Vive na doce ilusão:  
Nem lhe sai do pensamento,  
Que tem grande vocação  
E verdadeiro talento.



Enquanto isso não se dá,  
Farolinhinhas é feliz  
Se pode ir, com seu papá,  
Ao Central ou S. Luiz.

Brilhando como luzinhas,  
Quando o filme é de emoções,  
Os olhos de Farolinhinhas  
Parecem dois «farolões»!



E se algum janota vê,  
De bigode e grande ar,  
Logo Farolinhinhas crê  
O Clark Gable encontrar.

Um dia lê no jornal  
Que certo realizador,  
P'ra um filme sensacional  
De aventuras e de amor,



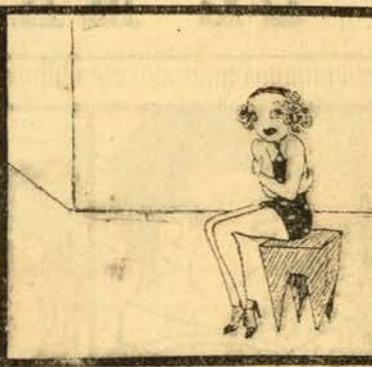
Quere estrelas contratar.  
O triunfo... finalmente!  
Farolinhinhas vai filmar!  
Quási morre de contente!

Sem que os papás saibam nada  
Pois ela nada lhes diz,  
Ao stúdio corre apressada,  
Crendo-se já grande actriz.



Grita o tal realizador,  
Sem mais detenções, ao vê-la:  
—«Masquegraca, que primôr!  
Encontrei a minha estrela!»

Entregam-lhe para pôr,  
Um maillot muito elegante,  
Pedindo-lhe, por favor,  
Se digne esp'rar um instante.



Passa uma hora, outra hora,  
Farolinhinhas já tiritita:  
—«Isto já não tem demora,  
Um momento!» — alguém lhe grita.

Por fim, diz o operador:  
—«Tudo pronto! Venha a estrela!»  
Mas, ó meu Deus! o calor,  
Quási que assa a nossa bela!



Farolinhinhas sofre, então,  
Desventuras sem igual,  
Durante a realização,  
Do filme sensacional.

Assim que este chega ao fim,  
Diz ela, numa careta:  
—«Nada; p'ra sofrer assim,  
Já não quero ser vedeta!»



Mas ainda sofre mais  
Na noite da grande estreia,  
A que assiste com os pais.  
Ui que tremenda tarefa!

Quando de maillot vestida  
No écran ela aparece,  
Grita o pai: — «Sua atrevida!  
Vai ver o que lhe acontece!»



Agarrando-a pela saia,  
Dá-lhe uma sova medonha,  
E Farolinhinhas desmaia,  
Tóda cheia de vergonha!

Com tanta infelicidade,  
Farolinhinhas Faroleta  
Nunca mais teve vontade  
De tornar a ser vedeta!

# EU QUERO SER MARUJINHO

POR GRACIETTE BRANCO

**V**ESTE-ME o fato à maruja,  
minha mãe! Calça comprida!  
O menino não se suja.  
Já não entorna a comida...

Eu quero ser marujinho!  
Ser marujo é ser poeta!  
Em cada búzio e seixinho  
há uma beleza inquieta,

Eu quero ser marinheiro!  
Quero ser lobo do mar!  
Subir ao mastro, ligeiro,  
e ver nascer o luar!

que nos fala de Poesia  
e nos ensina a cantar;  
nos beijos que a maresia  
nos traz das ondas do mar!

Quero ouvir a tempestade!  
Quero lutar na procela!  
Guiar meu barco à vontade  
mal avistando uma estréla!

E' como um brinquedo airoso,  
O marujinho contente!  
Com seu porte donairoso,  
mas arrojado e valente!

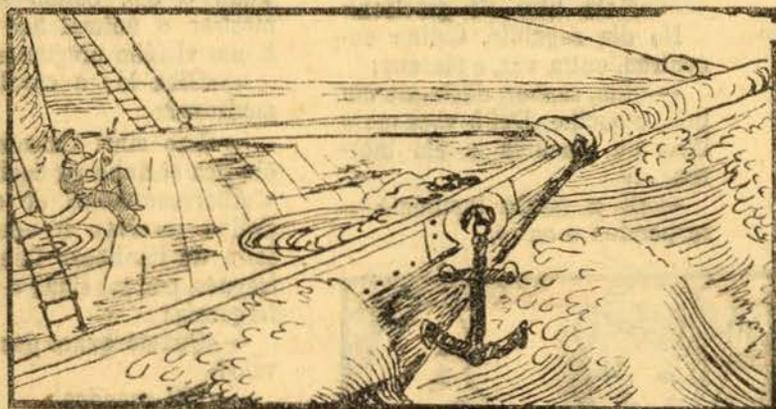


Todo o grande marinheiro,  
tem no olhar a estranha chama  
que à Índia, como luzeiro,  
conduziu Vasco da Gama!

Eu quero ser marujinho  
minha mãe! Faz'-me a vontade!  
Não tenho medo ao caminho  
nem me assusta a tempestade!

Ver, apenas, Céu e Mar!  
O horizonte como um arco!  
Sentir as ondas beijar  
o costado do meu barco.

Quando eu tiver mais idade,  
quando fôr um homenzinho,  
minha mãe: faz'-me a vontade!  
Eu quero ser marujinho!



## CONTO ESCOTISTA

Por MANUEL FERREIRA

**N**AQUELA tarde, o bom escoteiro Miguel, sabendo da visita dos seus camaradas estrangeiros, rejubilava. Ia ter ocasião de manter laços de amizade com colegas seus que ainda não conhecia.

Momentos depois, trocadas as saudações do estilo, os ingleses extasiavam-se ante o aspecto majestoso de Lisboa. E, então, vemos o nosso

Miguel, sabedor da História Pátria, a indicar aos ingleses, pormenores curiosíssimos:

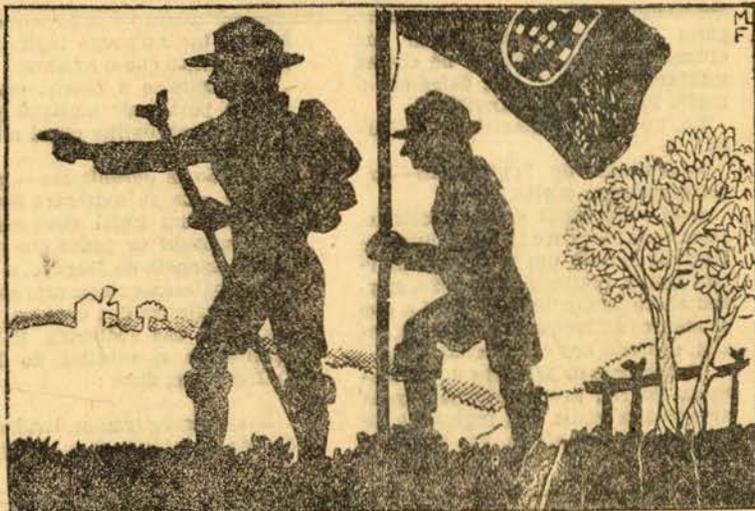
— «Aqui têm Lisboa. Foi tomada

Porque não sei se sabem, meus meninos, que no escotismo todos os rapazes e meninas se tratam como irmãos, auxiliando-se e estimando-se uns aos outros.

Dirigiu-se ao Cais de Alcântara e começou a fazer projectos.

Os visitantes eram ingleses e extasiavam-se já com o lindo sol de Portugal, que doirava as colinas airovas da cidade e animava os corpos e almas da nossa gente.

Ao verem seus irmãos portugueses, os visitantes rejubilaram. Iam ser bem recebidos embora não tivessem vindo, cá, oficialmente. Eram alunos dum asilo de órfãos de Inglaterra que vinham, em viagem de férias, visitar alguns países, como prémio do seu aproveitamento escolar.



# OUTRA VEZ CALINO...

POR MANUEL FERREIRA

**U**MA tarde, estava Calino a dar aula, quando viu um aluno desinquieto. Então, repreensivo, disse-lhe:

— «Veja lá como se porta! Tome atenção ao que lhe digo!...»

O rapaz, contudo, não obedeceu. Calino exasperou-se:

— «Levante-se! Você não deve estar ao pé de gente. Só pode estar ao pé de animais. Levante-se e venha para o pé de mim!...»

Nas horas vagas, o nosso herói dedicava-se à agricultura,



pelos portugueses, auxiliados por cruzados, sob a direcção de chefes militares notáveis. Um deles era o inglês Hervens de Clanville.

Lá, no alto, é o Castelo de S. Jorge...

— «Patrono de Inglaterra» — interrompeu um inglês.

— «De Portugal e do Escotismo, também — concluiu Miguel. — Naquele castelo um português Martim Moniz, segundo a tradição, morreu entre as portas, obstando a que os mouros as fechassem e dando, assim, entrada aos conquistadores.»

A excepção de Miguel e dos camaradas do seu grupo, ninguém mais esperava a visita dos ingleses e, se eles sabiam da visita, era devido a

cultivando asneiras e batatas. Temos, então, Calino, lavrador.

Um belo dia, apressado, um saloio caminhava por um atalho. Calino chamou-o:

— «Ó Mateus!...»

— «Que é, sr. Calino? Diga, depressa...»

— «Olha lá! O que deste à tua vaca, quando ela adoeceu?»

— «Meio litro de gasolina.»

No dia seguinte, Calino encontrou, outra vez, o Mateus:

— «Sim, senhor, deste-me um bom conselho. Dei à vaca meio litro de gasolina e ela morreu...»

— «E a minha também.» — respondeu o outro.

Miguel ter no grupo inglês um correspondente que o avisara.

Dirigiram-se a Belém, onde o escoteiro português mostrou aos seus irmãos a maravilha que é a basílica de Santa Maria.

— «São os Jerónimos» — explicou Miguel, que se mostrara durante o percurso, um hábil cicerone. — «É uma epopeia de pedra que faz lembrar a epopeia da Raça...»

Os ingleses extasiavam-se com a extrema finura dos ornatos, das pilastras e das abóbadas. E Miguel, apontando a estátua do Infante D. Henrique, disse:

— «Prezados irmãos, tendes diante de vós a estátua dum dos maiores



Uma vez, comprou um cavalo. Todo o dia, Calino andou a mostrar o animal aos amigos. E um vizinho perguntou-lhe:

— «Olha lá; o cavalo não é medroso?»

— «Isso sim! Calcula tu que ele fica sozinho na cocheira!...»

Aborrecendo-se do cavalo, Calino resolveu ir vendê-lo à feira de Fanhões. Chegou um freguês, por tal sinal, o prior da freguesia:

— «Quanto quere por este cavalo?»

— «200 escudos!»

— «Não é caro. Mas... se calhar, tem algum defeito?!»

— «Lá isso tem... E' muito esquecido...»

— «Ah! Ah! — riu-se o padre. — Se é só esse o defeito, não me ralo. Como não quero o animal para aprender latim...»

Palavras não eram ditas

talentos do mundo — o Infante Navegador. — Foi ele, matemático

geógrafo, quem promoveu as nossas descobertas. Era sêco, brutal, enérgico, herdeiro de sua mãe, a princesa de Inglaterra, Filipa de Lencastre, da persistência e boa vontade necessárias à iniciativa de dar novos mundos ao mundo.

Foi o Infante o iniciador das navegações científicas e o fundador da Escola Náutica de Sagres.

Os seus irmãos foram todos notáveis. D. Filipa teve, na sua inclinação, um rei letrado, um infante sábio e outro valoroso e, por último, um herói e santo.

Depois foram à Torre de Belém e, após terem admirado a estátua

quando o padre se ia a retirar com o cavalo, este desata a esconcear para todos os lados.

— «Porque não me avisou deste defeito?» — gritou o padre.

— «Então — respondeu Calino — eu não lhe disse que o cavalo era muito esquecido? Estou-lhe sempre a dizer que não dá coices e no mesmo momento se esquece...»

Mas, nisto, o animal morre. Então, Calino volta-se para o cadáver e diz:

— «Vê, meu caro senhor, eis como nós somos... Tão depressa a gente está vivo como morto...»

Foi soldado e, uma tarde, o capitão disse-lhe:

— «Como é que te atreves a aparecer diante de mim com a farda tão suja? Vê lá se eu ando assim?!»

— «Ah! isso não... Não anda sujo... Também não faz favor nenhum...»

— «Porquê?»

— «Porque, segundo diz o cabo Matias, o meu capitão é filho duma lavadeira...»

Subindo de posto, Calino partiu para a Índia, em serviço. Meteu-se com um camarada numa cabana, por causa dos mosquitos. Mas os bicharocos entravam por todo o lado e Calino resolveu sair para arejar.

Nisto, viu um pirilampo que, como os meus meninos sabem,

de Afonso de Albuquerque, Miguel explicou:

— «Esta torre assistiu a muitas largadas para a glória das descobertas. Vêem, ao longe, aquela ermida? ...»

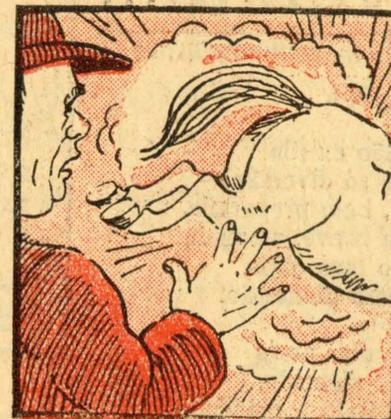
— «Vemos, sim. Que representa?»

— «É a ermida do Restelo, donde partiu Vasco da Gama para as Índias.»

Visitaram, a seguir, o Museu Nacional; e o nosso escoteiro disse-lhes que era o nosso Império e o papel de Albuquerque na organização da soberania.

Regressaram à Baixa e, diante da estátua de D. Pedro, Miguel elu-

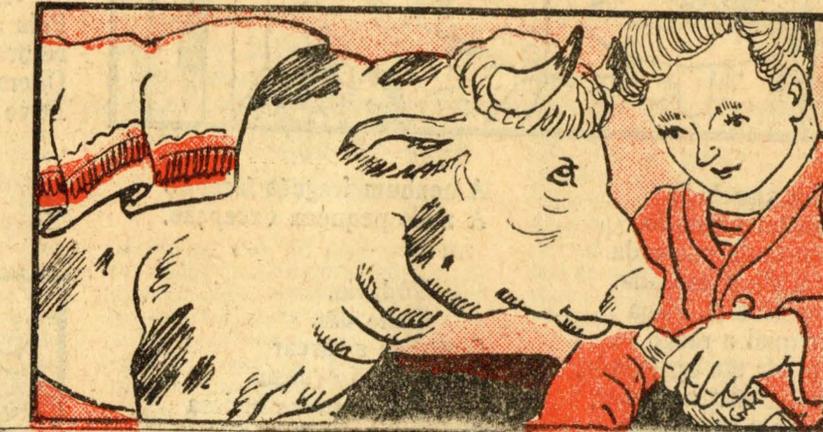
— «Vejam lá, rapazes. Nós, portu-



trazem lume na cauda. E gritou:

— «O pá! Ouves?! Não vale a pena a gente acautelar-se. Isto é uma terra tão boa que até os bichos andam à procura da gente com uma lanterna!...»

Meses depois, houve um encontro com rebeldes indígenas. Calino, ferido, recolheu à ambulância. Foi levado à mesa das operações e, durante o tratamento, perguntou:



gueses eramos poucos mas, cheios de Fé, tudo desconhecendo, fizemos uma grande nação — o Brasil.»

Na Sociedade de Geografia, os escoteiros ingleses entusiasmaram-se.

— «O que resultou das conquistas e descobertas do passado? Além duma grande extensão colonial, trofeus e recordações que fazem desta instituição um relicário. O vosso rei, o rei-escoteiro Eduardo VIII, é sócio honorário da Sociedade de Geografia.»

Subiram à Praça de Camões e, diante da estátua, Miguel exclamou:

— «A alma da Pátria está na nossa presença: Camões, o homem que foi cavaleiro, poeta e mareante!»

Em seguida, dirigiram-se ao Museu

— «Porque me estão a retalhar a perna?»

— «Procuramos a bala.» — disseram os médicos.

— «Com trinta diabos! Já podiam ter dito! A bala passou de raspão, mas já a tenho aqui no bôlso das calças.»

Quando regressou à metrópole, fez-se repórter dum jornal. Uma vez, apareceu na redacção, radiante:

— «Hoje, no largo do Chiado, um surdo-mudo foi atropelado por um automóvel. Morreu de repente sem ter tido tempo de dizer nada. E' a segunda vez que semelhante desgraça lhe sucede!»

Outra vez, bate à porta duma residência.

— «Quem é?»

— «Um seu criado. Faz favor de me dizer se é aqui que vive um sujeito que morreu na semana passada?»

Militar onde fizeram como que uma viagem pela História de Portugal.

Então, Miguel e os camaradas portugueses propuzeram que os visitantes jentassem em suas casas, o que serviu de pretexto para saudações entusiásticas.

No dia seguinte, o escoteiro levou os ingleses à Batalha, onde depuzeram um ramo de flores no túmulo do soldado desconhecido, que se batera ao lado dos ingleses; e fizeram a sua saudação de escoteiros ante o mausoléu de D. Filipa de Lencastre, a ilustre princesa que foi, como nenhuma outra, rainha e educadora.

Depois, nuns campos próximos do mosteiro, armaram, todos, ingleses e portugueses, um acampamento.

# QUEM TUDO QUERE...

POR FELIZ VENTURA

A senhora D. Pôpa,  
Vaidozinha até mais não,  
Lembrou-se, num certo dia,  
Dum negócio — que alegria! —  
Que tenta do  
E bem explorado,  
Lhe traria um «fortunão».

Dando pulos de alegria,  
Tic, tac, sem demora,  
Vai em doida correria,  
Participar o que havia  
A' comadrinha  
Patinha  
Que bem perto dela mora.

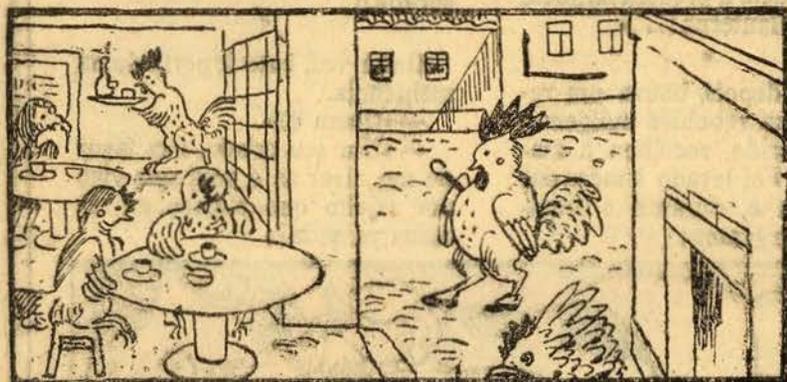
Por ali não existia  
Nem uma só diversão  
E aquela, bem preparada,  
Seria, em breve, afamada  
E decerto lhes daria  
Um enorme dinheirão.

Passados dias abria  
O tal café afamado,  
Pois elas tinham mandado  
Lançar um grande pregão.  
Com enorme freguesia  
Andava a D. Patinha,  
Pequenina e bonitinha,  
Sempre a todos atendendo;



Nada, nada lá comprar.  
E a Pôpa, tããã ralada,  
Por já não ter freguesia,  
Teve, ao fim de certo tempo,  
O seu café que fechar.  
Um café tão afamado  
E que era tão frequentado!

Meus meninos  
Pequeninos,  
O que acabais de aqui ler  
E' só pura fantasia.  
Mas podia  
Acontecer.  
Pois as grandes ambições  
Nunca dão bom resultado.  
Quem tiver aspirações  
Deve ser acautelado.



A patinha atarefada  
Com o jantar atrasado,  
Ficou um tanto pasmada  
Por ver a Pôpa cansada,  
Mas depois da D. Pôpa  
Explicar qual a razão  
De assim vir tão apressada,  
Põe-se a patinha a dançar,  
Começando a arquitetar  
Castelinhos de ilusão.

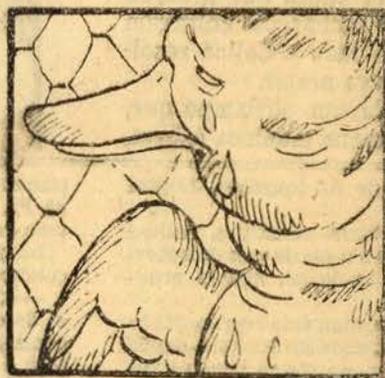
E' que o negócio, em questão,  
Era coisa de tentar:  
Um café bem decorado,  
Elegante até mais não,  
Onde tããã a bicharada  
da floresta e arredores  
Se viria afreguezar.

A nenhum freguês fazendo  
A mais pequena excepção.

Todavia,  
Certo dia,  
Começou a rarear  
No café a freguesia.  
E' que a Pôpa ambiciosa  
Desatou a exigir  
Dinheirinho até mais não,  
Por tudo quanto vendia;  
Pensando que lucraria  
E que o seu cofre encheria  
Sem ter muita ralação.

Porém, tããã a bicharia  
Combinou que não iria

■ F I M ■



tendo sido convidado a içar a bandeira nacional o chefe do grupo inglês.

E ali, junto aos muros da Batalha, confraternizaram os representantes da mocidade de dois países, sob o patrocínio de S. Jorge e à sombra da bandeira das quinas.

Assim, realizou Miguel uma boa acção, ensinando aos ingleses o que era Portugal e obsequiando-os com um jantar e uma visita à Batalha.

Vêr na 8.ª página:

■ ■ F I M ■ ■

Construção  
para armar

# O JOSÉZINHO e o QUIM

POR GRACIETTE BRANCO

**J**OSÉZINHO era asseado, lavava-se muito bem. Sempre muito penteado, era o enlêvo da Mãe!

Mas o Quim—que porcalhão! — sempre sujo e com maus modos, quasi da côr do carvão; era a vergonha de todos!

Zézinho, assim que acordava, entrava no seu banhinho; o cabelo penteava com cuidado e com carinho!

Limpava bem o pescoço, vestia roupa lavada e, antes do seu almoço, ia estudar taboada.

Almoçava, com prazer e grande satisfação. Por cumprir o seu dever, tinha o sol no coração!

O Quim acordava tarde, à hora movimentada, em que o sol, no Céu, já arde, como fogueira abraçada!

Molengão e mal disposto saltava da cama e, então, fingia lavar o rosto sem ter água nem sabão!

Preguntava-lhe a criada: — «E o banho?! Manda a Mãe!...»

Mas êle, em voz malcriada, respondia-lhe: — «A'manhã!»

E assim cresceram! Um dia, já muitos anos depois, pergunta uma velha tia: — «Qual o futuro dos dois?»

Diz o Pai, tendo sentado um rafeirito a seus pés: — «O Zézinho, advogado. O Quim, limpa chaminés!»

O Zé, alegre, contente, ouvindo isto, sorriu... Então, o Quim, lentamente, envergonhado saiu...

Mais tarde, à hora da ceia, o Papá lia o jornal,

a tia fazia meia, ressonando menos mal.

Pergunta a Mãe:—«O Quim? Já está na cama, decerto...» —«Não, Mãe. Venho do jardim, bem acordado e bem esperto!...»

Todos olham, de repente! E, entre o espanto de todos, surge um Quim, bem diferente, de côr, de gesto e de modos!!!

E o Quim murmura: «Lavei-me, da cabeça até aos pés! E, assim, a tempo, livre-me de ser limpa chaminés!»

Hei-de estudar, ser alguém, sempre limpo e penteado, e assim hei-de ser, também, como o Zézinho, advogado!»

Tudo o beijou, com prazer, com amor, ternura e Fé! E o Quimzinho veio a ser tão brilhante como o Zé!

■ F I M ■

**A**PESAR desta chuva impertinente, que bastantes nos arrelia e prejudica e os obriga a ficar em casa ao Domingo; aproximam-se os dias grandes e, com êles, a luz benéfica do sol que dá alegria à alma e saúde ao corpo.

— Tomara que cheguem as férias grandes! pensam os meninos. E parece que os estou a vêr fazendo os castelinhos de areia na praia ou correndo, no campo, por entre os caminhos ornados de silvas, perseguindo uma borboleta dourada...

Mas pelo facto das férias ainda virem longe, isso não obsta a que, ao Domingo, passem um dia alegre e divertido, fora das preocupações dos exames.

Por conseguinte, lembrei-me de lhes ofertar um lindo e elegante

## A construção de hoje

INSTRUÇÕES

automóvel, que vos pode transportar, muito comodamente, na companhia dos papás e dos manos. Para o conseguirem, basta colarem as diferentes peças de que êle se compõe em cartolina fina ou papel almaço, excepto as rodas que são coladas em cartão grosso—todas—e, por sua vez, colocadas, costas com costas, de modo a formarem uma espessura de 4 milímetros, pouco mais ou menos. A roda sobreceleste não tem outra que lhe corresponda, visto o seu avesso ficar encoberto e de encontro às trazeiras do automóvel.

Depois de tudo muito bem sêco, começa-se por armar o corpo principal da construção. Aplicam-se-lhe,

em seguida, os guarda-lamas e estribos. Colocam-se, depois, as rodas, que são atravessadas por eixos, os quais tanto podem ser feitos de pedacinhos de arame como de raios de fósforos. Devido a serem as peças mais miúdas, os para-choques são as últimas que se colam ao conjunto, nos seus devidos logares.

Há que atender a uma falta que se observa no guarda-lama posterior do lado esquerdo. Examinando a peça análoga, verifica-se que, na primeira, faltam as devidas patilhas que deviam colar no corpo principal da construção. Essa falta deverá ser remediada pelos construtores, que as farão em cartolina.

Agora é só arranjarem o farnel, meterem-se dentro e — *ala!* — que se faz tarde...

Não se esqueçam de me mandar dizer se a construção lhes agrada.

## O NOSSO CONCURSO DOS BICHOS

**H**AVENDO terminado o nosso concurso, conforme avisámos no nosso número anterior, prevenimos os pequeninos concorrentes, que ainda não tenham enviado as suas cadernetas, de que poderão fazê-lo até à próxima segunda-feira, a-fim de se efectuar a reunião do júri, que será na Quinta-feira imediata.

Serão três os primeiros prémios:

Um, à sorte, entre todas as cadernetas que tiverem certas a indicação denominativa dos bichos que constituem o nosso concurso.

Outro, igual, à que contiver maior número de con-

siderações, de ordem zoológica, sobre cada bicho. E outro, também igual, à caderneta mais artística.

Constituem êstes prémios, uma colecção de quatro exemplares de livros ilustrados, a cada um dos concorrentes premiados.

Terão, também, direito a um lindo livro ilustrado, contendo uma linda história, os coleccionadores das três mais artísticas cadernetas e das três mais completas na descrição das diferentes espécies de animais, bem como à publicação do retrato do coleccionador na nossa galeria de honra.

